

LÍNGUA DE SINAIS: ORIENTAÇÕES E ENCAMINHAMENTOS OFERECIDOS AOS FAMILIARES DE BEBÊS E CRIANÇAS SURDAS

Camila Neto Fernandes Andrade ¹

Erica Aparecida Garrutti ²

RESUMO

O presente artigo traz relatos de três familiares de crianças surdas, com idade entre 3 e 5 anos, que receberam o diagnóstico de surdez ainda bebês. Foram entrevistados a avó de um menino surdo de 5 anos, a mãe de outro menino de 4 anos de idade e, por último, o pai de um garotinho de 3 anos. Todos os familiares seguem as terapias fonoaudiológicas de suas crianças na rede pública da periferia do município de São Paulo. Como aporte teórico-metodológico ao longo na análise dos dados, utilizamos Vigotski e seus estudos sobre signo e significado, Witkoski com os debates acerca das angústias familiares após o diagnóstico de surdez de seus filhos, Santana com sua teoria sobre o implante coclear, Guarinello que aborda a respeito dos entraves na comunicação dos familiares ouvintes e seus filhos surdos, entre outros. Em linhas gerais, os familiares demonstram estar contentes com os avanços na língua e linguagem de seus filhos surdos, entretanto apresentam visões diferentes acerca da língua de sinais, uma vez que o pai aposta na Libras como língua de interlocução de seu filho e ele próprio está aprendendo a língua para se comunicar com seu filho, já a mãe da outra criança surda demonstra resistência à Libras e a avó reconhece a língua de sinais como língua de interlocução, embora ela própria não faça uso da língua com a criança. Quanto às matrículas nas escolas, contamos com uma criança matriculada em uma EMEBS (Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos), outra matriculada em uma Escola Municipal de Educação Infantil comum e outra criança matriculada em uma escola apenas de crianças surdas que possui convênio com a prefeitura de São Paulo. Cada familiar revela quais os motivos que os levaram a matricular seus filhos em cada uma dessas instituições.

Palavras-chave: Criança surda, Educação infantil, Libras, Língua de sinais, Família.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a inclusão tem sido uma bandeira para garantir que crianças com deficiência, especialmente crianças surdas, tenham acesso integral ao currículo escolar. Este artigo explora as orientações e encaminhamentos oferecidos a familiares de bebês e crianças surdas, abordando a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras)

1 Doutoranda do Programa de Educação da Universidade Federal de São Paulo, cnfandrade@unifesp.br

2 Professora orientadora: Doutora, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Programa de Educação - UNIFESP, egarrutti@yahoo.com.br

e do papel de educadores e fonoaudiólogos na indicação da educação infantil bilíngue para os familiares.

A educação infantil é uma importante etapa da educação e que perpassa por dois importantes âmbitos, o cuidar e o educar. De forma minimalista, difunde-se que o cuidar compreende as trocas de fralda, alimentação, banho, entre outros, enquanto o educar envolve o desenvolvimento pedagógico dos bebês e crianças pequenas. Entretanto o conceito de cuidar e educar transcende a definição anterior. O documento Currículo Integrador da Infância Paulistana (SÃO PAULO, 2015) visa promover uma educação que integre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental na rede pública de São Paulo. Ele valoriza a infância como uma fase única, onde bebês e crianças devem ser vistos em sua integralidade, respeitando suas potencialidades e singularidades. Esse currículo propõe uma pedagogia democrática e inclusiva, que rompe com abordagens fragmentadas e hierárquicas, promovendo a participação ativa das crianças e considerando o brincar como elemento essencial do aprendizado. A proposta busca superar a divisão entre corpo e mente, razão e fantasia, e priorizar a criação de experiências educativas significativas, que respeitem o tempo e o espaço das crianças. Dessa forma, o currículo pretende garantir uma educação de qualidade, que contribua para o desenvolvimento integral das crianças, valorizando suas múltiplas linguagens, culturas e contextos de vida. Nesse documento, encontramos a seguinte definição e cuidar e educar:

Cuidar e educar significa, portanto, compreender que o direito à educação parte do princípio da formação da pessoa em sua essência humana e integralidade. Por isso, considera-se o cuidado no sentido profundo do que seja acolhimento de todos os bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos, sejam eles indígenas, afrodescendentes, quilombolas e povos do campo, pessoas com deficiência, imigrantes e filhos de imigrantes com respeito e com atenção adequada. O cuidar está na observação, na escuta, na comunicação e na ação em comum que se estabelece entre adultos e bebês e crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, na compreensão e no acolhimento de suas necessidades, na consideração de sua voz, gestos, choros, linguagens que expressam seus pensamentos, desejos e vontades de saber. (SÃO PAULO, 2015, p.25)

A educação infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento social e cultural das crianças, conforme destacado por William Corsaro em sua sociologia da infância. Corsaro enfatiza que, durante a infância, as crianças não apenas absorvem conhecimento, mas também constroem e compartilham culturas infantis, desenvolvendo habilidades sociais por meio da interação com os pares e adultos. Para Corsaro, a educação infantil é um espaço onde as crianças exercem sua agência, explorando suas próprias formas de comunicação e valores culturais. Esse processo é essencial para a

formação de sua identidade e para o desenvolvimento de competências sociais, visto que as interações e brincadeiras criam uma base sólida para a cidadania e para a integração ao mundo social, respeitando a infância como uma fase de experimentação e aprendizado autônomo.

Segundo Karnopp e Quadros (2001), “apenas 5% das crianças surdas são filhas de pais surdos, ou seja, 95% delas são filhas de pais ouvintes que [...] não têm a Libras como primeira língua” (p.11), evidenciando a necessidade de apoio adequado para que esses familiares compreendam e adotem práticas comunicativas que respeitem e promovam o desenvolvimento linguístico da criança surda. Assim, este estudo objetiva analisar os desafios enfrentados pelos familiares e as estratégias de apoio oferecidas para inserção da Libras no cotidiano familiar e educativo.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, voltada para a compreensão das práticas de orientação e apoio oferecidas aos familiares de bebês e crianças surdas no contexto da educação bilíngue em língua de sinais. Conforme Minayo (2010), a pesquisa qualitativa é apropriada para investigações que buscam entender as percepções e significados atribuídos pelos sujeitos a fenômenos sociais específicos, uma vez que a experiência dos familiares de crianças surdas envolve dimensões subjetivas, culturais e sociais que podem ser profundamente influenciadas pelas orientações recebidas.

Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com familiares de crianças surdas, todas elas realizadas no espaço de atendimento fonoaudiológico, onde as crianças realizam as terapias, complementada por uma revisão bibliográfica de fontes acadêmicas sobre o desenvolvimento linguístico de crianças surdas, políticas de educação bilíngue e práticas de orientação a familiares.

Os dados foram organizados e analisados a partir da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Este método permitiu categorizar o material em temas centrais, como “Orientações a Famílias”, “Barreiras à Introdução da Libras” e “Educação Bilíngue e Identidade Surda”. A análise de conteúdo foi realizada em três etapas:

1. Pré-Análise: Neste estágio, fez-se uma investigação flutuante do material coletado nas entrevistas para familiarizar-se com os dados e definir categorias iniciais de

- análise. A leitura buscou identificar palavras-chave e temas recorrentes no material coletado.
2. Exploração do Material: Os dados foram então codificados e categorizados conforme os temas identificados. Trechos específicos foram destacados para análise detalhada, visando aprofundar a compreensão das práticas e orientações oferecidas aos familiares de crianças surdas.
 3. Interpretação e Discussão dos Resultados: Os resultados foram interpretados à luz do referencial teórico de educação bilíngue para surdos, confrontando as evidências empíricas com os argumentos e achados de autores como Quadros, Karnopp e Strobel. Essa comparação permitiu entender como as práticas de orientação observadas nos relatos dos familiares se relacionam com as melhores práticas descritas na literatura e os princípios de inclusão e valorização da identidade surda.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa sobre a educação bilíngue para crianças surdas sugere que, para uma inclusão efetiva, é fundamental que a Libras seja inserida desde cedo na vida das crianças, tanto no ambiente escolar quanto no familiar. Segundo Strobel (2016), crianças surdas que aprendem Libras desde bebês apresentam melhores resultados de desenvolvimento linguístico e social, especialmente quando comparadas a crianças surdas filhas de pais ouvintes que tentam, inicialmente, a reabilitação oral.

De acordo com Quadros (2015), “a educação de surdos em uma perspectiva bilíngue deve ter um currículo organizado em uma perspectiva visoespacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, a língua de sinais brasileira” (p. 197). Este estudo destaca a necessidade de um currículo voltado para o desenvolvimento da Libras, de forma que as crianças possam construir significados linguísticos e culturais com base em sua língua natural.

A educação de bebês e crianças surdas na perspectiva bilíngue tem sido defendida como essencial para o desenvolvimento pleno de suas potencialidades e para sua inserção social. De acordo com Quadros e Karnopp (2001), a educação bilíngue envolve não só o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras), mas também a compreensão de que essa língua é essencial para que a criança surda tenha uma base comunicativa que lhe permita formar uma identidade segura e autônoma. Os autores destacam que a Libras

deve ser inserida como primeira língua (L1), especialmente para crianças cujos pais não são surdos, pois “apenas 5% das crianças surdas são filhas de pais surdos” (Quadros & Karnopp, 2001, p. 11), o que significa que a maioria dos pais não compartilha naturalmente essa língua com seus filhos. Nesse sentido, cabe ao sistema educacional e aos profissionais envolvidos orientar as famílias quanto à importância do uso da Libras para o desenvolvimento da comunicação e identidade da criança.

Ainda na linha da valorização da língua de sinais como parte integral da formação da criança surda, Strobel (2016) reforça a importância de considerar o aspecto cultural da surdez, que vai além da deficiência auditiva. Segundo Strobel, a surdez deve ser entendida dentro de uma “cultura surda”, onde a língua de sinais é um dos principais elementos de identificação e pertencimento social. Ela argumenta que, ao aprender Libras desde a primeira infância, a criança surda não só adquire habilidades linguísticas, mas também se insere em uma comunidade que lhe oferece suporte e valoriza sua condição. Isso contribui para a construção de uma autoestima positiva e para o enfrentamento de barreiras sociais que podem surgir na vida escolar e familiar.

Com os dados coletados nesta pesquisa, pudemos verificar que muitos familiares ainda recebem orientações contraditórias de profissionais de saúde, como fonoaudiólogos, que recomendam exclusivamente a reabilitação oral, o que dificulta o acesso pleno das crianças à Libras e, conseqüentemente, limita seu desenvolvimento linguístico. É importante destacar que “a criança surda precisa ter acesso à Libras e interagir com várias pessoas que usam tal língua para constituir sua linguagem e sua identidade emocional e social” (Andrade, 2020, p. 11). Isso mostra que, sem o apoio adequado para a introdução precoce da Libras, a criança surda pode enfrentar desafios adicionais no desenvolvimento de sua comunicação e identidade.

Outro aspecto central na educação infantil bilíngue para surdos é a necessidade de um ambiente que promova o aprendizado da Libras desde os primeiros anos de vida escolar, garantindo que essa língua seja usada como língua de instrução, como defendem Quadros (2015) e Karnopp (2001). De acordo com Quadros, “a educação de surdos em uma perspectiva bilíngue deve ter um currículo organizado em uma perspectiva visoespacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, a língua de sinais brasileira” (Quadros, 2015, p. 197). Dessa forma, é essencial que o currículo para surdos contemple atividades e métodos de ensino que respeitem a estrutura visoespacial da Libras e valorizem o bilinguismo como um direito linguístico e cultural dos surdos.

Assim, o referencial teórico utilizado neste artigo sustenta a necessidade de promover uma educação infantil bilíngue que envolva tanto a criança surda quanto seus familiares, buscando superar barreiras de comunicação e oferecendo suporte contínuo para que a Libras faça parte do cotidiano familiar e escolar da criança. A literatura aponta para a importância de se romper com o modelo médico que ainda predomina em muitas práticas de fonoaudiologia e que coloca a reabilitação oral como prioridade. Ao invés disso, autores como Quadros, Karnopp e Strobel defendem uma abordagem cultural e linguística que valoriza a Libras como essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças surdas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados nas entrevistas com os familiares de crianças surdas revela as complexidades envolvidas na escolha dos métodos de comunicação e nas orientações profissionais que orientam essas decisões. Foram realizadas entrevistas com três familiares (Iracema, avó de Daniel; Berenice, mãe de Carlos; e Fabiano, pai de Joaquim), e suas experiências trazem à tona desafios sobre o desenvolvimento linguístico de seus filhos e as práticas de inclusão educacional em ambientes específicos.

As entrevistas indicam um espectro de abordagens e expectativas quanto ao uso da língua oral e de sinais, refletindo as diferentes orientações recebidas.

É, ele fala.[...] Eu falo para ele: 'não pode'. Eu vejo muito na internet também os sinais. Eu faço os sinais, ele pega na minha mão. Que nem ontem ele pegou meu dedo e colocou aqui, antes de ontem. (Se referindo ao modo como o menino a ensinou a fazer o sinal) Me ensinando. Para brincar assim, faço uma coisa errada, ele me corrige. Ele não está tão perdido. Não vou deixar meu neto perdido em casa. (relato da Iracema)

O relato de Iracema, por exemplo, mostra a importância atribuída à língua de sinais, ainda que o uso dessa forma de comunicação seja parcial e ainda em fase de construção no ambiente familiar. A avó menciona o desejo de aprender Libras para se comunicar com o neto, mas também destaca que essa língua ainda não circula fluentemente no lar. Como observado, essa limitação gera dificuldades na internalização dos significados sociais e culturais por parte de Daniel, o que é essencial segundo a teoria de Vigotski, que argumenta que a linguagem facilita a significação e construção da realidade.

No caso de Berenice e seu filho Carlos, há uma preferência clara pela língua oral, apoiada pelas melhorias percebidas após a cirurgia de implante coclear. Essa mãe expressa receios de que o uso da língua de sinais possa retardar o desenvolvimento da oralidade de Carlos.

Não cheguei a ir no polo³. Eu achei, eu achei assim no meu no meu pensar eu falei: 'chega lá no Polo, ele vai ver as crianças gesticulando e ele vai parar ele e vai gesticular que nem as crianças'. (relato da Berenice)

Isso pode ser compreendido à luz do contexto social, onde o "padrão de normalidade" muitas vezes valoriza a comunicação oral em detrimento de outras formas de comunicação, como aponta Witkoski (2017). No entanto, essa preferência pela oralidade sem uma inclusão plena de Libras limita as oportunidades de socialização de Carlos e restringe seu desenvolvimento linguístico em ambientes não familiares, uma vez que a compreensão da linguagem falada depende de situações específicas, como a leitura labial, que se torna menos eficaz em ambientes variados.

Fabiano, por outro lado, optou por manter Joaquim, seu filho, em uma instituição bilíngue, apoiando o desenvolvimento paralelo da língua oral e da Libras. Ele demonstra uma visão equilibrada e sem restrições em relação ao uso da língua de sinais. A presença de Libras no ambiente educativo de Joaquim é fundamental para seu processo de internalização de significados, conforme proposto por Vigotski, e oferece ao menino uma compreensão mais rica da realidade social e cultural.

A coleta de dados evidencia, sobretudo, a necessidade de suporte multidisciplinar para as famílias na escolha dos métodos de comunicação e de instrução para crianças surdas. Em geral, as famílias se encontram mais acolhidas em espaços educacionais do que nos de saúde, uma vez que tanto D. Iracema quanto Berenice destacaram que receberam indicação de matrícula de seu neto e filho, respectivamente, em escolas bilíngues com vistas a socioconstrução da Libras. Enquanto os profissionais de saúde tendem a recomendar a terapia oral-auditiva, conforme relato dos três familiares, a orientação educacional frequentemente valoriza uma educação bilíngue. Contudo, a tomada de decisões pela família ainda ocorre de forma isolada e sem o apoio de informações e orientações integradas. A falta de clareza e apoio adequado compromete

³ O polo que a mãe se refere aqui é o Polo Bilíngue, que se trata de um espaço educativo que crianças surdas e ouvintes podem ser matriculadas, mas as crianças surdas, na educação infantil, são matriculadas em classes bilíngues, ou seja, apenas com crianças surdas com o objetivo de construir o próprio aporte linguístico em Libras.

as oportunidades de desenvolvimento pleno para essas crianças, especialmente em suas habilidades comunicativas e sociais, fundamentais para o crescimento cognitivo e a formação de identidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aponta que o uso da Libras desde a primeira infância, associado a um currículo bilíngue, é fundamental para o desenvolvimento integral de crianças surdas. As orientações fornecidas aos familiares e o incentivo ao uso da Libras nos ambientes educativo e familiar podem reduzir significativamente as barreiras de comunicação e inclusão. Sugere-se, portanto, que programas de orientação e apoio continuado aos familiares, como os mencionados por Redondo e Carvalho (2000), sejam fortalecidos e priorizados nas políticas educacionais e de saúde.

Este estudo destaca a urgência de um apoio especializado para os pais, tanto na área de saúde quanto na educação, permitindo que as famílias façam escolhas informadas sobre os métodos de comunicação e as práticas educativas mais apropriadas para seus filhos surdos. Conclui-se que a integração da Libras no ambiente familiar e educacional, além da oralidade, proporciona uma base sólida para a construção da linguagem e da identidade cultural dessas crianças, alinhando-se com uma abordagem bilíngue que respeita e promove a inclusão social e linguística.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. N. F. **Bebês e Crianças Surdas nos Espaços Educativos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- CORSARO, W. Parte I – O Estudo Sociológico da Infância. In: **Sociologia da Infância**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 17-74.
- KARNOPP, L.; QUADROS, R. M. **Educação bilíngue para surdos**: a língua de sinais na educação de surdos no Brasil. Porto Alegre: Mediação, 2001.



QUADROS, R. M. **Estudos Surdos**: O bilinguismo na educação infantil. Florianópolis: UFSC, 2015.

REDONDO, A.; CARVALHO, M. **Programa de Atendimento à Família**: apoio à inclusão. São Paulo: SMESP, 2000.

STROBEL, K. **O Poder da Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2016.

VIGOTSKI, L. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.